Visita XX — O Verbo eterno, de rico, fez-se pobre

> **Epígrafe.** «Sacode-te do pó, levanta-te: assenta-te, Jerusalem» (Is 52, 2)

Vamos, alma querida que vieste visitar-me, diz-me o Menino de Belém pela boca de seu Profeta, sacode o pó das afeições terrestres; sai da lama em que te sujas: de pé, e sê rainha para dominar as paixões que te invejam a glória eterna. — Mas, para isso, divino Menino, que tenho a fazer? — Contempla-me em meu presépio; já me viste menino fraco, vês-me hoje menino pobre. Tal é a nova lição que deves estudar. Se considerares atentamente o mistério de minha pobreza, é impossível que não me ames e que, por amor de mim, não desprezes todos os bens perecíveis deste mundo.

Deus é o rico por excelência, o único rico, pois é a fonte de toda riqueza. O universo é meu, diz o Senhor, com a plenitude de seus bens.[1] É pouco; o céu e a terra não são todas as riquezas de Deus, são apenas a menor parte. Deus é um rico cuja riqueza é infinita, porque sua riqueza não depende dos outros, mas a possui em si mesmo, fonte inesgotável de toda riqueza e de todo bem. Eis por que Davi lhe dizia: Sois o meu Deus, porque não tendes necessidade dos meus bens.[2]

Ora, esse Deus tão rico fez-se pobre para nos tornar ricos.[3] Um Deus fazer-se pobre, e para quê? Compreendamos. Os bens deste mundo não podem ser mais que terra e pó: mas terra que suja, pó que cega de tal modo os homens que já não saboreiam, já não veem os verdadeiros bens. Antes da vinda do Menino de Belém, o mundo estava mergulhado nas trevas, porque estava mergulhado no amor desordenado das coisas terrestres.[4] Toda carne corrompera o seu caminho. Calcando aos pés a lei de Deus e a própria razão, os homens viviam como brutos. Unicamente ocupados em obter riquezas ou prazeres, não faziam caso algum dos bens eternos. Mas a misericórdia divina quis que o Verbo feito carne viesse iluminar esses cegos.[5]

É por isso que os Profetas anunciavam o Menino de Belém como a luz do mundo, *lumen ad revelationem gentium*: luz eterna tornada sensível e palpável na pessoa do Filho de Deus, revestido de nossa natureza. *«Ó vós que estais sentados nas trevas e nas sombras da morte»*, dizia Isaías, *«estremecei de alegria, vereis com vossos olhos o vosso Mestre descer do céu.»*[6] Esse divino Mestre veio para ensinar o caminho da salvação, isto é, a prática das verdadeiras virtudes e em particular da santa pobreza.

Para convencer os homens da necessidade e da excelência dessa virtude, devia ensiná-la não somente por suas palavras, mas sobretudo por seus exemplos. *«A pobreza»*, diz são Bernardo,

>

> *não se encontrava no céu, mas abundava na terra. Infelizmente o homem não lhe conhecia o preço e a desprezava. Com o fim de tirar o mundo desse erro, o Filho de Deus desceu do céu à terra e escolheu a pobreza por companheira inseparável de sua vida, a fim de no-la tornar cara mostrando-nos a estima que lhe tinha.*[7]

E eis o Verbo eterno que, desde a entrada na vida, se faz professor de pobreza. Suas lições começam na gruta de Belém, chamada com justiça por são Bernardo a escola de Jesus Cristo, *schola Christi*; e por santo Agostinho, a gruta que ensina, *spelunca magistra*.

Por uma disposição especial da Providência, tudo concorre para tornar eloquentes as suas lições. O decreto do imperador Augusto surge no momento exato, para que o Filho de Deus nasça não somente pobre, mas o mais pobre de todos os homens. Assim, é obrigado a nascer fora da casa de sua mãe, numa gruta que serve de estábulo aos animais. Os outros pobres, ao nascer em casa, têm alguma facilidade para encontrar panos, um pouco de fogo, a assistência de algumas pessoas que, ao menos por compaixão, vêm em auxílio de sua penúria. Nada disso para o Menino de Belém.

Nasce num estábulo. Qual é o pobre, por pobre que seja, cujos filhos nasçam em tal lugar? Por aposento, uma gruta fria, aberta e aqui e ali forrada de ervas úmidas; por panos, alguns pobres trapos, bem frios e bem grosseiros; por companhia, dois animais; por berço, uma manjedoura: eis o que encontra, ao nascer, o Filho de Deus!

Sua pobre mãe não tem nem lã nem pluma para fazer um leito a esse terno Menino. Que faz? Com suas mãos delicadas recolhe alguns punhados de palha, que reúne na manjedoura, e o deita sobre ela.[8] Mas, ó Deus! esse leito é duro demais para um recém-nascido. A palha é o leito dos animais: e para o Filho de Deus não há na terra outro leito que um pouco de palha! São Francisco de Assis, estando um dia no refeitório, ouviu ler estas palavras: E o reclinou numa manjedoura. *«Como!»*, exclamou num arrebatamento de amor, *«meu Senhor está deitado sobre a palha e eu estarei sentado!»* Com essas palavras levanta-se, lança-se por terra e ali termina a sua pobre refeição, chorando de ternura à lembrança da penúria do Menino de Belém.

Mas dizei-me, pequeno Menino, quem pôde fazer-vos descer do trono em que reinais no mais alto dos céus, para vir repousar sobre um pouco de palha? Quem vos tirou da direita de vosso Pai, onde estais sentado, para vos pôr numa manjedoura? Quem, do meio dos anjos, vos colocou entre dois animais? Abrasais os serafins, e tremeis de frio. Sustentais os céus, e é preciso que vos levem nos braços. Dais alimento a tudo o que respira, e precisais de um pouco de leite para sustentar a vossa vida. Fazeis felizes os santos, e chorais! Quem vos reduziu a tão grande miséria? Jesus me responde: O meu amor por vós e o desejo de vos ensinar o preço inestimável da pobreza.

Sim, eis por que o Rei dos Reis quis nascer pobre e o mais pobre de todos os pobres. *«O Criador dos anjos»*, diz são Pedro Damião,

> *poderia ter nascido num palácio, em meio a uma corte brilhante, ser envolvido em seda e nos linhos mais finos, deitado num berço ornado de pedrarias, mas não o quis. Ao contrário, escolheu a penúria de Belém. Por esse exemplo quis quebrar a nossa ambição, o nosso orgulho, o nosso amor das riquezas; quis fazer brilhar a nossos olhos a sua predileção pela humildade e pela pobreza. Em presença desse Menino humilde e pobre, quem não está resolvido a tornar-se humilde e desprendido dos bens deste mundo deve corar e tremer.*[9]

O sábio Patrignani refere que havia em Messina um menino de nobre família, chamado Domingos Ansalone. Esse menino tinha o costume de visitar muitas vezes, numa igreja da cidade, uma santa Virgem que trazia nos braços o Menino Jesus. Este era de relevo e tão belo que arrebatara de amor o seu jovem adorador. Ora, aconteceu que Domingos foi atingido por uma doença mortal. Sentindo aproximar-se o fim, pediu a seus pais com tanta instância que lhe trouxessem o seu querido Menino Jesus, que não puderam recusar-lhe esse favor.

No auge da alegria, Domingos o coloca a seu lado no leito e mantém sobre ele os olhos cheios de ternura. De vez em quando dizia a seu bem-amado: *«Meu pequeno Jesus, tende piedade de mim, que sou criança como vós.»* Outras vezes, voltado para os assistentes: *«Olhai»*, dizia-lhes, *«olhai como é belo, o meu querido pequeno Senhor.»*

Na última noite de sua vida chamou os pais e, em presença deles, disse ao divino Menino: *«Meu Jesus, faço-vos meu herdeiro.»* Depois, dirigindo-se a seu pai e a sua mãe, acrescentou:

> *Tirareis da minha bolsinha o suficiente para mandar dizer nove missas depois da minha morte, e com o resto mandareis fazer uma bela roupa para o meu pequeno herdeiro.*

Tendo assim ditado seu testamento, ergueu os olhos ao céu, seu rosto ficou radiante, e disse: *«Oh! como é belo; oh! como é belo, o meu divino Mestre!»* E expirou.

Pequena coroa: Divino Menino Jesus, que para a salvação do mundo quisestes nascer num estábulo e ser deitado numa manjedoura, sobre um pouco de palha: tende piedade de mim.

Maria e José, rogai ao Menino Jesus por mim.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo: como era no princípio, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

Jaculatória: Amemos o Menino de Belém, *amemus Puerum de Bethléem*.

Propósito: Vestir uma criança pobre por amor do Menino Jesus.

Notas

[1] *Meus est orbis terræ et plenitudo ejus.* «Minha he a redondeza da terra, e a sua plenidão.» (Sl 49, 12.)

[2] *Deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges.* «Tu és o meu Deus, porque não tens necessidade dos meus bens.» (Sl 15, 2.)

[3] *Egenus factus est, cum esset dives, ut illius inopia vos divites essetis.* «Que sendo rico, se fez pobre por vosso amor, a fim de que vós fosseis ricos pela sua pobreza.» (2 Cor 8, 9.)

[4] *Omnis caro corruperat viam suam.* «Toda a carne tinha corrompido o seu caminho sobre a terra.» (Gn 6, 12.)

[5] *Habitantibus in regione umbræ mortis lux orta est eis.* «Aos que habitavão na região da sombra da morte, lhes nasceu o dia.» (Is 9, 2.)

[6] *Et erunt oculi tui videntes præceptorem tuum.* «E os teus olhos estarão vendo o teu mestre.» (Is 30, 20.)

[7] *Paupertas non inveniebatur in cœlis; porro in terris abundabat, et nesciebat homo pretium ejus. Hanc itaque Filius concupiscens descendit, ut eam eligat sibi, et nobis sua æstimatione faciat pretiosam.* (Sermão I na Vigília da Natividade.)

[8] *Et reclinavit eum in præsepio.* «E o reclinou em huma mangedoura.» (Lc 2, 7.)

[9] *Conditor angelorum non ostro opertus, sed vilibus legitur pannis involutus. Erubescat terrena superbia, ubi coruscat humilitas Salvatoris.* «O Criador dos anjos não é coberto de púrpura, mas lê-se que está envolto em vis panos. Corra de vergonha a soberba terrena, onde resplandece a humildade do Salvador.» (Livro VI, c. 18.)

Revision #1
Created 23 November 2026 23:45:27 by Admin
Updated 23 November 2026 23:45:27 by Admin